
FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA X PRÁTICA PROFISSIONAL*

PAOLO NOSELLA**

Em primeiro lugar acho que se a coordenação de Terapia Ocupacional convidou para falar, alguns especialistas em filosofia da educação, isto é um sinal de que se acredita que a questão da profissão não se esgota em si mesma, ou seja, que a questão da profissão não se explica apenas no seu interior, mas que ela precisa de uma reflexão mais ampla para a qual recorre a algumas categorias mais abrangentes. Aliás, eu diria que toda a profissão só pode ser realmente explicada na sua realidade e na sua problemática concreta, quando relacionada com o seu contexto global. Não seria portanto, este convite, apenas uma concessão que alguns profissionais fizeram no sentido de ampliar o quadro de sua discussão. Ao contrário, esta abordagem mais ampla, é uma condição necessária para compreender o concreto específico da própria profissão. Disto eu faria questão, pois, se estivesse aqui apenas de enfeite cultural, ou seja, apenas como uma comple-

* Palestra proferida na Semana de Terapia Ocupacional da UFScar, em 1982.

** Professor Titular do Departamento de Educação da USFCar.

mentação cultural das questões específicas que no caso, constituiriam a essência da questão, então um certo tipo de discurso, ao mesmo tempo que é solicitado, seria ao mesmo tempo eliminado. Acho que fui claro.

Não se tratando então, de convidar filósofos para complementar a bagagem cultural de alguém que se interessa por um específico profissional, e sim de ampliar a discussão para compreender a essência da própria questão profissional, eu colocaria três idéias gerais.

A primeira idéia é que para se compreender problemas específicos ligados às profissões é sempre necessário, em última instância, recorrer à categoria de luta de classes, pois esta é uma categoria essencial que permanece como pano de fundo de todas as discussões específicas. No entanto, não pode permanecer apenas como pano de fundo mas deve se a ela recorrer explicitando-a quando das questões específicas.

A segunda idéia que vou colocar e que em seguida explicarei melhor, é que a TO., no modo de produção capitalista não trabalha com indivíduos, mas trabalha com elementos do coletivo. O indivíduo sumiu, e aquilo que aparece como o mais impor-

tante, na realidade é o secundário, ou seja, o indivíduo pode aparecer como o fenômeno mais importante, no entanto, a essência que está diante de nós é uma essência coletiva.

A terceira questão é que se partirmos dessas duas colocações, ao elaborar alguns critérios para a estruturação de um currículo profissional, deveremos sempre pensar pautados no binômio: especialista + político. Logo a primeira é especificamente política: questão nacionalismo ou luta de classe? a segunda questão é antropológica: individualismo ou homem coletivo? a terceira curricular: todo profissional constitui-se do binômio especialista + político. Agora vou retornar rapidamente à primeira idéia.

É comum afirmar que qualquer questão deve ser colocada no seu contexto e que não existe a possibilidade, de se entender algo determinado sem colocá-lo no seu global. E qual é o nosso contexto? A primeira resposta vinda do senso comum, que se trate de profissionais de saúde, assim como de outros profissionais, é que o contexto é a própria nação brasileira. Pode até ser, mas pode ser também uma resposta que, tentando colocar a questão do geral para explicar o particular, mais uma vez, de

fato, se acabe escamoteando esse próprio geral. Quando se fala em contexto e no âmbito em que se coloca uma questão e por isso se recorre à idéia de Nação, realmente comete-se um desvio da questão essencial. Na realidade, contextualizar significa explicitar o social que fundamentalmente é o próprio embate de duas classes: a classe trabalhadora e a classe detentora do capital, a qual, instrumentalizando-se de um conjunto de intelectuais e elementos intermediários (e nós somos estes elementos, intermediários) explora a primeira. Segunda observação é que os elementos intermediários, a classe intermediária, tem uma tendência à proletarização. Este elemento é muito importante a ser considerado, sobretudo em se tratando de profissionais da saúde, profissionais que tradicionalmente trabalham preferencialmente com a classe média. A classe média "sobe" como num pau de sebo: trepa, trepa e nunca alcança, pois de fato ela escorrega para baixo. Ex.: Faz um curso de graduação para chegar num nível, quando chegou, já está precisando de um curso de mestrado; quando chega ao mestrado, para manter o mesmo nível econômico, está precisando de um curso de doutoramento. Lembremos dos médicos, a primeira categoria que entrou em greve em 68 no Rio.

É preciso reafirmar essa questão das duas classes fundamentais, negando as três, quatro, cinco ou seis classes que o positivismo, por muito tempo ensinou. É essa uma afirmação muito importante para se discutir a questão da profissionalização.

A primeira idéia foi a questão da própria desnacionalização. Um operário de uma fábrica norte-americana, um operário de uma fábrica paulista, um operário de uma fábrica japonesa, distinguem-se realmente sempre menos entre si tendendo a se identificar sempre mais como uma classe, isto é, as características nacionais tendem a desaparecer. O capital não tem nacionalidade. O capital é, em sua dinâmica, inter ou supra nacional.

Quando se desembarca no aeroporto de Roma ou no aeroporto de Nova York assiste-se sempre ao mesmo panorama: a característica nacional, como estrutura, tende à desaparecer, confirmando que, a contradição principal, é ainda, capital x trabalho. É preciso, quando se discute a questão profissional, se prender à questão fundamental e compreender as contradições secundárias a partir dessa contradição principal.

A segunda idéia foi a questão antropológica. Dissemos que um profissional, ao tratar um doente

te, imagina estar diante do Sr. Joaquim, ou Sr. João ou o Sr. Paulo, na realidade na frente dele ele não tem o indivíduo. A questão aparente e escamoteadora de uma realidade. O profissional lida com um elemento de uma classe, a qual tem uma história e um futuro de lutas. Então saber que o doente é um elemento de uma classe e não um indivíduo tendo uma história absoluta, fechada em si, é possuir uma visão antropológica muito importante a ser colocada na reflexão de questões que dizem respeito à profissão, porque não podemos esquecer que foi com a chegada do capital que o sangue azul desapareceu. A nobreza fundamenta-se no indivíduo: por isso podia ser até um falido economicamente, mas possuiria sempre o sangue azul daquela família e, mesmo na decadência econômica, permanecia com aquele nome e posição. Ele era o conde ou visconde ou não sei o que, ele permanecia filho daquela linhagem, isso o capital não respeitou mais, e eu acho que foi bom. Se o Pereira Lopes, pelo contrário, é uma significação social, significa seu capital. Assim, se um proletário, ganhando na loteria, conseguir entrar no rol dos capitalistas, entrou, tudo bem, não tem problema.

A última tentativa de salvar o indivídua

lismo, foi feita pelo existencialismo, que lutou com armas impossíveis para recuperar o indivíduo, mas não conseguiu. O fundamento no nada, ou seja, ele realmente confessou que o indivíduo, como função social, desapareceu. Eu acho essa questão muito importante para quem trabalha na área de saúde.

A terceira idéia seria mais especificamente ligada ao currículo. Afirmamos que o binômio que deve embasar a primeira construção de um currículo é o binômio "especialista + político". Que significa isto? Ao mesmo tempo em que o profissional deve ser um especialista hábil, esta especialização deve ser imbricada numa concepção e num quê-fazer-político, inclusive porque, se o profissional não aceitar esta dimensão política, de fato assim mesmo está assumindo uma determinada dimensão política sem a coragem de confessá-lo. Do outro lado, se o profissional não for capaz, não for um especialista em sua profissão, seu ser político torna-se ôco, generalista, onde a própria política perde o sentido.

Portanto, é preciso evitar o pensar que é possível ser um bom profissional só sendo um político, assim como é preciso evitar a pretensão de ser um especialista puro sem assumir a dimensão política porque isto seria uma falsidade, já que, de

alguma forma, a dimensão política é sempre realizada.

Para concluir eu diria o seguinte: no meu modo de entender, não sei se vocês concordam, um profissional da saúde, fundamentalmente não é um trabalhador. Fundamentalmente ele é um intelectual. E o que que significa dizer isso? Significa dizer que o TO, se define, no conjunto da sociedade, como um intelectual que, na sua prática, espalha, socializa, defende uma determinada concepção de homem, uma determinada concepção de sociedade, uma determinada concepção de saúde, uma determinada concepção de doença, uma determinada concepção de terapia, uma determinada concepção de luta social. Por exemplo, mesmo o médico, fundamentalmente, através das receitas que dá, através das entrevistas, através do conjunto de seu fazer, é mais um intelectual que professa uma determinada filosofia social, do que realmente um homem que transforme a matéria.

Era isso que eu estava querendo colocar para vocês.